

Objectivo do banditismo é a recolonização

— Presidente Samora Machel ao "Rand Daily Mail"

O objectivo principal do banditismo armado é «a recolonização de Moçambique», disse o Presidente Samora Machel numa entrevista a ser publicada hoje no jornal sul-africano «Rand Daily Mail».

O número de hoje será o último deste jornal. A partir de hoje deixa de existir o «Rand Daily Mail».

Ao receber os jornalistas Benjamin Pogrund e José Caetano, o Presidente moçambicano disse que não estava a dar uma entrevista à Informação sul-africana, mas, sim, a um jornal que ia fechar e que tinha uma «história de luta na nossa região» contra o «apartheid», pela democracia e igualdade.

Samora Machel prestou homenagem aos jornalistas que, através do «Rand Daily Mail» e ao longo de décadas, «sempre denunciaram a injustiça».

Grande parte da entrevista é sobre o Acordo de Nkomati e o banditismo armado.

Samora declarou que o Acordo de Nkomati ainda não produziu a paz que podia ter trazido.

Enquanto os bandidos armados continuarem a matar pessoas e a destruir infra-estruturas em Moçambique, o Acordo de Nkomati não terá funcionado, frisou Samora Machel.

O Presidente acrescentou que, na altura da sua assinatura, «tínhamos consciência» de que o acordo por si só, e imediatamente, não traria a paz.

«A paz tem de ser imposta e defendida por nós», disse o Presidente.

Mas, disse Samora, o Acordo de Nkomati tornou claro a todo o Mundo «a verdadeira natureza da desestabilização» na África Austral, desestabilização essa que é «uma tentativa para preservar o colonialismo e o racismo».

O Acordo de Nkomati revelou também quais as forças retrógradas e o tipo de conspiração que estão «contra os verdadeiros interesses da nossa região».

Hoje é evidente para todo o Mundo, disse Samora, que «a tensão na região não é o resultado de nenhuma ameaça externa à África do Sul».

O Presidente Samora perguntou como é que a África do Sul, com os recursos que tem, não consegue impedir que haja violações do Acor-

do de Nkomati a partir do território sul-africano.

Samora Machel acrescentou que enquanto houver violência terrorista em Moçambique «tenho razão para duvidar».

A uma pergunta sobre a situação de segurança no País, o líder moçambicano disse que os bandidos armados «representam apenas duas coisas: um instrumento de agressão que é utilizado por forças estrangeiras contra o nosso País, e o terrorismo». Eles simbolizam o retrocesso, o atraso, a continuação da miséria, e a continuação da exploração colonial.

«Eles não representam nenhuma ameaça à segurança do Governo moçambicano», disse Samora, para acrescentar que «o problema não reside aí».

O problema fundamental, frisou o Presidente, é o de os bandidos continuarem a matar cidadãos moçambicanos e outros e a destruírem infra-estruturas dentro de Moçambique.

Samora Machel disse que há forças por detrás do banditismo armado na região, mas também em capitais ocidentais.

O Presidente moçambicano disse que a quantidade dos bandidos está directamente ligada ao tipo de apoios logísticos que recebem de fora. A intensidade das acções terroristas aumenta sempre que os bandidos recebem armamento e praticamente cessam quando deixa de haver incursões de grupos de bandidos ou violações do território moçambicano para reabastecimento bélico dos bandidos.

Falando sobre a África do Sul, Samora Machel disse que, em Moçambique aquele país é visto como uma nação que se forja para além da raça, da tribo e dos grupos linguísticos.

Disse que para Moçambique, a cor da pele de uma pessoa não tem importância. Samora Machel exemplificou dizendo que, no censo feito há uns anos sobre a população moçambicana, não se identificou a cor da pele das pessoas. Se lhe perguntassem quantos pretos e brancos há em Moçambique, ele não poderia responder, pois, isso «não nos interessa».

«Há moçambicanos», disse Samora.

Entre os avanços conseguidos após a independência de Moçambique, o Presidente incluiu a libertação de religiões como o islamismo, o protestantismo e o hinduismo que eram perseguidas pelo colonialismo.



— Presidente Samora Machel concedendo a entrevista aos jornalistas Benjamin Pogrund, à esquerda, e José Caetano, do «Rand Daily Mail»